



## INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3455

Denis Carlos Moser Ieni, UEM

### Resumo

A presente proposta relata uma experiência sobre o uso da música enquanto recurso pedagógico para o ensino de História em uma escola pública em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de História (UEM/CRV). Das inúmeras aulas ministradas destacamos o trabalho realizado com a temática: A Guerra do Vietnã. No decorrer da aula valemo-nos da letra da melodia: “Era um garoto que como eu” gravada pela banda “Os Incríveis” em 1967. O intuito preponderante das ações promovidas através da música no processo de ensino-aprendizagem objetivou proporcionar uma maior interação dos alunos/as nas aulas de História, como também ampliar a capacidade de aprendizado dos discentes, desenvolvendo, por meio da linguagem alternativa de ensino, o senso crítico e a envoltura do alunado para com a análise dessa forma de arte enquanto fonte histórica. Lançando mão da base teórico-metodológico desenvolvida por Bruno Paviani e Thaisa Lopes Ferreira (2012), foram elaboradas atividades que contemplassem o uso da música enquanto recurso pedagógico e fonte histórica na sala de aula. As atividades promovidas resultaram em uma nova abordagem para o ensino, ao passo que dinamizaram a participação e facilitaram a compreensão dos estudantes sobre os conteúdos pertinentes à temática.

### Palavras Chave:

História; PIBID; ensino-aprendizagem; linguagem alternativa; música.

## Introdução

Atualmente os cursos de licenciaturas vêm perdendo candidatos/as. Ser professor/a no tempo presente abarca inúmeros desafios que intensificam razões desanimadoras para sê-lo/a - seja no que diz respeito aos baixos salários; às condições precárias de trabalho no seio escolar; ou ainda no tocante aos alunos/as antenados às mídias, e que, portanto, não sintonizam mais com o universo escolar caracterizado, em geral, por quadro negro, giz e livro didático.

Diante dessa conjuntura atual, o Estado forjou e vêm apresentando novas políticas públicas visando remediar alguns problemas no ambiente educacional brasileiro. Nessas circunstâncias, destaca-se aqui o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, desenvolvido em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC) e gerenciado pela CAPES. Tal programa, além de estreitar os laços entre a universidade e o ensino regular e fortalecer a escola pública como zona de formação, pretende também valorizar o magistério, despertar a motivação em graduandos/as a seguirem carreiras como professores/as ativamente atuantes nos espaços escolares em defesa de sua melhoria e qualidade, entre outros.

Para que esses objetivos fossem possíveis, o Ministério da Educação instituiu o PIBID, que concede bolsas para alunos/as de licenciaturas integrantes de Projetos de Iniciação à Docência (ID), exercidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica de ensino. Por intermédio dessas bolsas, os licenciandos são inseridos na realidade escolar, a partir do início de suas formações, objetivando a vivência e, portanto, a familiarização tanto com o âmbito escolar quanto com a realidade do cotidiano do professor/a da rede pública de ensino. O PIBID, configura-se assim, como uma imensurável possibilidade frutífera de

realizações dos exercícios imprescindíveis à formação docente.

É nesse contexto que se pretende relatar aqui uma das principais experiências proporcionadas pelo PIBID, vivenciadas no Subprojeto de História da Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional do Vale do Ivaí, em parceria com o Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, na cidade de Ivaiporã – PR.

Com a pretensão de apontar a importância da formação de futuros professores/as, sua iniciação em uma prática docente e os métodos empregados, é que esboçaremos alguns relatos sobre a experiência obtida no PIBID com a música, visando demonstrar a importância desse projeto no campo pedagógico e na disseminação dos conhecimentos didáticos propiciados pelo mesmo.

## PIBID – História/UEM/CRV

De acordo com o MEC o programa tem como propósito unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. *A priori*, o PIBID emergiu para atender apenas as áreas específicas como Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino Médio, em face da significativa carência de professores para lecionarem nessas disciplinas. Posteriormente, com a implantação de novas políticas públicas para valorização do Magistério e a crescente demanda, aliados aos bons resultados já obtidos pelo programa, no ano de 2009 o PIBID foi expandido, passando a responder não apenas à essas áreas específicas, mas toda a Educação Básica.

O anseio de cumprir com esses objetivos, o PIBID integrou o curso de História/UEM/CRV em março de 2014. Inicialmente o programa contou com 28 bolsistas ID, 2 bolsistas coordenadores e 4

bolsistas supervisores de área das escolas parceiras, cuja vigência prevista de atuação estende-se até fevereiro de 2018.

Os Colégios que hospedam o programa são: o Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, Colégio Estadual Antônio Diniz e Colégio Estadual Idália Rocha, localizados no município de Ivaiporã; e o Colégio Estadual Geremias Lunardelli, localizado na cidade de Lunardelli – PR.

Atualmente, o programa não sofreu alteração no que diz respeito aos quadros apresentados acima.

### **O PIBID no Colégio Estadual Barão do Cerro Azul**

O PIBID História UEM/CRV, estabelecido no Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, localizado no bairro Centro, em Ivaiporã/PR, teve o início de suas atividades em março de 2014. Atualmente, o Colégio conta com 9 bolsistas ID, que atuam sob a supervisão da professora Ilma Souza e do coordenador Itamar Flávio Silveira.

Num primeiro momento as primeiras atuações como pibidianos foram realizar leituras e discutir os documentos que norteiam a educação brasileira e a instituição parceira do PIBID, como por exemplo, LDB, PCN e o PPP do colégio Estadual Barão do Cerro Azul. Após realizar inúmeras discussões sobre os documentos, efetuamos uma pesquisa de campo visando conhecer a dinâmica da escola vinculada ao programa, atentando-se para o perfil do alunado do colégio, material disponível para o trabalho e ao próprio espaço físico da escola. Além disso, examinamos também as obras de história disponíveis na biblioteca e constatamos que, apesar da pouca variedade de livros referente a disciplina de História, a biblioteca conta com inúmeros clássicos da historiografia brasileira.

Após o primeiro contato com o espaço físico e o material escolar

disponível, deslocamo-nos para a sala de aula, dando início a uma nova fase do programa. Iniciamos uma fase de observação das aulas ministradas pela supervisora. Sob a orientação da supervisora engajamo-nos na busca de interagir com a prática docente durante as aulas e, paulatinamente, transformamo-nos de meros observadores em atuantes no processo de ensino-aprendizagem. Foram ministradas inúmeras aulas de História e aplicadas atividades que contemplassem diferentes linguagens de ensino visando ampliar o interesse dos discentes no estudo da História.

Gradativamente, nós, os futuros professores/as, fomos mergulhando definitivamente no ofício da Licenciatura e assumindo um papel significativo nas aulas de História. À vista disso, pouco a pouco a docência compartilhada entre a supervisora e nós, bolsistas, foi se consubstanciando.

Logo nas primeiras semanas a familiarização, seja com os alunos ou com a prática educativa, foi se concretizando. Foram se desenvolvendo atividades dinâmicas e diversificadas tencionando minimizar a inibição do interesse dos estudantes pela disciplina de História.

Desse modo, em uma das séries (9º ano B), foi desempenhado um trabalho diferenciado. O motivo da escolha da turma corresponde a uma maior familiarização com os alunos/as, o que facilitava o nosso trabalho enquanto pibidianos. De início, a supervisora solicitou-nos que confeccionássemos uma atividade que entrelaçasse linguagens alternativas de ensino com o tema: A Guerra do Vietnã. Desse modo, no decorrer da aula valemo-nos da letra da melodia: *“Era um garoto que como eu”* gravada pela banda *“Os Incríveis”* em 1967.

O intuito preponderante das ações promovidas através da música no processo de ensino-aprendizagem objetivou proporcionar uma maior interação dos alunos/as nas aulas de

História, como também ampliar a capacidade de aprendizado dos discentes, desenvolvendo, por meio da linguagem alternativa de ensino, o senso crítico e a envoltura do alunado para com a análise dessa forma de arte enquanto fonte histórica.

No que diz respeito a receptividade dos alunos/as para com a prática educativa empregada por nós pibidianos, pode-se afirmar que foi amplamente positiva, uma vez que os discentes passaram a se interessar cada vez mais pela disciplina de história, tornando-se participante ativos e efetivos no processo de construção do próprio aprendizado. Consideramos, assim, que o enfoque dado a música como um recurso que viabiliza a aprendizagem proporcionou uma enorme diferença para a realidade da escola, especialmente para as salas nas quais foram realizadas as atividades.

### **As diretrizes curriculares para a educação básica e o incentivo à utilização de linguagens alternativas de ensino**

Cada historiador/a, ao desenvolver a sua pesquisa, precisa de um método. Essa é a base para o encaminhamento do seu trabalho, se equiparando à importância de uma problemática bem elaborada. O profissional de História, no espaço da sala de aula, também precisa se valer de uma metodologia que encaminhe o seu processo de ensino-aprendizagem, principalmente com o objetivo de tornar o “aprender” mais didático.

Ao se valer de uma metodologia, mesmo que inconscientemente, o professor/a de História se insere em uma linha pedagógica e em uma vertente historiográfica, ambas com um rol de autores e teorias sobre “como fazer história” e sobre “como ministrar uma aula”.

No âmbito dessas vertentes,

encontramos as linhas historiográficas, que podem ser entendidas como instituições, materializadas ou não, com um arcabouço ideológico comum, que será utilizado como premissa para a constituição de métodos que farão parte de uma gama de pesquisas provenientes dessa linha.

Na historiografia, a chamada “*Escola Metódica ou Positivista*” e a “*Escola dos Annales*”, são duas das principais vertentes que vieram a delinear o fazer histórico. A primeira figurando no contexto do século XIX e a segunda abrindo caminho para ser uma das maiores linhas da segunda metade do século XX.

Segundo Bourdê e Martin (1983, p. 97), “a Escola Metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando a objectividade absoluta no domínio da história”. Com isso, essa linha de pensamento não deixa espaço para a subjetividade e procura escrever uma historiografia baseada apenas em fontes oficiais, tendo como sujeitos históricos os “Grandes Homens”.

Já a *Escola dos Annales*, a partir de 1930, será a responsável pela inserção de novos métodos para se “fazer história”. Para além da questão metodológica, cada geração dessa escola historiográfica também será responsável pela multidisciplinaridade, pelo alargamento do escopo documental passivo de investigação e principalmente pela valorização de outros sujeitos históricos (BOURDÉ; MARTIN, 1983).

Vai ser com o advento desse alargamento do escopo documental que não apenas os textos escritos serão considerados como fontes passíveis de serem investigadas pelo historiador, mas também fotografias, desenhos, músicas, filmes, etc. E é esse o ponto de partida que abre a possibilidade para que o professor de história se utilize dessa gama de documentos com o intuito de auxiliar o entendimento dos seus alunos na disciplina de História. Entretanto,

devemos considerar que “no processo de aprendizagem as fontes se transformam em recursos didáticos, na medida em que são chamadas para responder perguntas e questionamentos adequados aos objetivos da história ensinada.” (ABUD, 2005, p. 310)

As “Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná” (2008) fundamentam a utilização de “vestígios e fontes históricas nas aulas de História” salientando que:

Ao trabalhar com vestígios na aula de História, é indispensável ir além dos documentos escritos, trabalhando com os iconográficos, os registros orais, os testemunhos de história local, além de documentos contemporâneos, como: fotografia, cinema, quadrinhos, literatura e informática. Outro fator a ser observado é a identificação das especificidades do uso desses documentos, bem como entender a sua utilização para superar as meras ilustrações das aulas de História. Quanto à identificação do documento, a sugestão é determinar a sua origem, natureza, autor ou autores, datação e pontos importantes do mesmo. Para fazer análise e comentários dos documentos, Bittencourt (2004) estabeleceu a seguinte metodologia:

- Descrever o documento, ou seja, destacar e indicar as informações que ele contém;
- Mobilizar os saberes e conhecimentos prévios dos alunos para que eles possam explicá-los, associá-los às informações dadas;
- Situar o documento no contexto e em relação ao autor;
- Identificar sua natureza e também explorar esta característica para chegar a

identificar os seus limites e interesses (PARANÁ, 2008, p. 69-70).

Visto sob esse prisma, para a utilização dessas ferramentas de ensino é indispensável uma metodologia que seja capaz de levar adiante uma aula que tenha um fundamento lógico, com um intuito estabelecido. Mais do que simplesmente aparecer com uma imagem, música, filme ou fonte aleatória, cabe ao profissional de História na sua função como professor/a, preparar os seus alunos/a, interrogá-los acerca de um possível conhecimento prévio sobre o tema a ser tratado, situá-los historicamente a partir da fonte apresentada e desenvolver juntamente com eles/as um pensamento que possibilite a compreensão do tema à luz de uma fonte historiográfica usado pelo profissional no decorrer da aula.

### **A música: produto de uma época, fonte historiográfica e ferramenta de ensino**

Já vimos que as fontes passíveis de serem utilizadas pelo professor/a de história vão desde documentos escritos até imagens. Mais do que o produto de uma época, cada um desses vestígios possuem um fator em comum: foram produzidos, tocados ou influenciados pela mão do homem. Não obstante, Katia Maria Abud, considera que as linguagens alternativas para a disciplina histórica “mobilizam conceitos e processam símbolos culturais e sociais, mediante os quais apresentam certa imagem do mundo. Imagem esta que acarreta outras instâncias de referências, como comportamentos, moda, vocabulário” (ABUD, 2005, p. 310).

Nesse sentido, devemos entender a música não apenas como um emaranhado de letra e melodia, mas também como uma fonte histórica, e levar em consideração que a mesma apresenta diversas características, traços e mensagens que estão intimamente ligados à época que a produziu. Sobre esse tema, Abud salienta que:

Não é raro se encontrar em obras didáticas letras de música popular para ilustrar determinados conteúdos conceituais (por exemplo, Mulheres de Atenas, de Chico Buarque, no capítulo que trata das cidades gregas; Apesar de você, do mesmo autor, sobre a recente ditadura brasileira). O tratamento que tem sido dado a tais letras é no máximo o que se daria a um documento literário. As propostas de análise para os alunos são fundamentalmente as que orientam para extração de informações, desprezando outros aspectos de formação, pois há de se levar em conta as simbologias, as figuras de linguagem presentes na construção literárias das letras (...) Assim, por meio da linguagem oral cotidiana, veicula-se um conteúdo que depende da base acústica inscrita nos fonemas e nas entonações, mas não há necessidade de preservação da sonoridade – a fala se torna autônoma enquanto canto e autores e intérpretes mandam recados, criam polemias, fazem declarações ou reclamações de amor, comentam o dia-a-dia, produzem tiradas de humor. Registram, enfim, o que acontece ao redor do sujeito que escreve e interpreta a obra musical (2005, p. 312-313).

A autora traz à tona a questão dos sentimentos contidos na “linguagem oral cotidiana” e que são passíveis de serem transmitidos por meio da música. Mais do que simples letra e melodia, essas canções são documentos que evidenciam múltiplos fatores no contexto social que os criou.

Além disso, tomando a música como um documento histórico, devemos considerar, assim como apontou Jacques Le Goff (1990), que o principal dever do historiador é realizar a crítica do documento através do qual pretende obter elementos para compreender a história. Assim, ao historiador caberia a função de considerar o documento como um

“monumento”, no qual, através da crítica, é preciso encontrar as condições de sua produção e sua intencionalidade – consciente ou não.

Ainda de acordo com Le Goff, nenhum documento seria inócuo ou desprovido de objetivos; eles seriam produtos da sociedade no seio da qual surgiram, constituindo-se então, voluntária ou involuntariamente, como uma montagem da realidade de sua época: “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 545).

Ao demonstrar isso para os alunos, o professor/a cria toda uma atmosfera que leva a sua sala de aula a compreender a historicidade de cada produção costumeiramente encarada no dia-a-dia de qualquer indivíduo inserido na sociedade. Tal metodologia de ensino auxilia os alunos/as a elaborarem conceitos e dar significados a fatos históricos (ABUD, 2005), assim como a desenvolver um pensamento crítico, capaz de observar “para além da capa” de qualquer tipo de narrativa inserida no nosso cotidiano.

### **“Era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones”: um grito de revolta contra a guerra do Vietnã**

Uma boa parte dos brasileiros/as conhecem a letra dessa melodia, dentre essa parte, uma grande parcela deles/as possivelmente já cantaram pelo menos a parte do “Ra-tá-tá-tá”, tendo a consciência que a música retrata a figura de garoto que morreu durante a guerra do Vietnã.

Trabalhar em sala de aula essa música imortalizada na voz de Humberto Gessinger, vocalista dos “Engenheiros do Hawaii”, mas originalmente gravada pela banda “Os Incríveis” em 1967, leva em consideração entender aspectos do tema tratado no decorrer da sua melodia e

características da época que deu embasamento para que a letra se desenvolvesse.

Primeiramente, tendo como base o texto “A música e a Ditadura Militar: como trabalhar com letras de música enquanto documento histórico” (2012), dos autores Bruno Paviani e Thaisa Lopes Ferreira, coube a nós futuros professores/as que têm como intuito utilizar essa canção, fazer uma breve sondagem de qual o entendimento que os seus alunos/as possuem sobre o tema, seja por meio de uma interrogação aberta ou de questionário aplicado individualmente. Nessa perspectiva, situamos os discentes no que diz respeito à época que será abordada, assim como ao tema do som apresentado.

Na análise da letra da música abordada aqui, realizamos uma aula prévia, explicando aos alunos/as o que fora a Guerra do Vietnã (1959-1975); suas causas; por que os Estados Unidos fizeram parte e, quais foram os motivos que levaram grande parte da civilização ocidental a ser contra a intromissão do país norte-americano no conflito. Segundo Bruno Paviani e Thaisa Lopes Ferreira (2012), é a partir desse conhecimento que os alunos/as serão capazes de compreender a letra que segue:

Era um garoto que como eu  
Amava os Beatles e os Rolling Stones  
Girava o mundo sempre a cantar  
As coisas lindas da América

Não era belo, mas mesmo assim  
Havia mil garotas afim  
Cantava help and ticket to ride  
Oh! Lady Jane e yesterday

Cantava viva à liberdade  
Mas uma carta sem esperar  
Da sua guitarra, o separou  
Fora chamado na América

Stop! Com rolling stones  
Stop! Com beatles songs  
Mandado foi ao vietnã  
Lutar com vietcongs

Ratá-tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá

Ra-tá-tá tá-tá, ra-tá-tá tá-tá

Era um garoto que como eu  
Amava os Beatles e os Rolling Stones  
Girava o mundo, mas acabou  
Fazendo a guerra no Vietnã

Cabelos longos não usa mais  
Não toca a sua guitarra e sim  
Um instrumento que sempre dá  
A mesma nota, ra-tá-tá-tá

Não tem amigos, não vê garotas  
Só gente morta caindo ao chão  
Ao seu país não voltará  
Pois está morto no Vietnã

Stop! Com rolling stones  
Stop! Com beatles songs  
No peito, um coração não há  
Mas duas medalhas sim

Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá  
Ratá-tá tá tá

Ra-tá-tá tá-tá, ra-tá-tá tá-tá. (BRANCATO JR, 1967).

Não obstante, na análise da letra da música abordada, lançamos ainda, questionamentos como: “Por que vocês acham que o compositor se utiliza da figura de um garoto?”; “Por que ele foi chamado até a América, sendo que a guerra era entre duas regiões no território do Vietnã?”; “O Ratá-tá-tá lembra o som de algo em específico ligado à guerra?”; “Ao se analisar a letra, vocês acreditam que o compositor seja conivente com o conflito? Ou com a intromissão dos Estados Unidos nele?”; etc.

Feita essa problematização da música, notamos que a utilização da canção facilitou a compreensão histórica pelos alunos/as, transformando-se, desse modo, em uma grande fonte auxiliar na

construção do conhecimento histórico. Além disso, a metodologia adotada dinamizou a interação dos discentes, despertando neles o interesse, a curiosidade pelo tema trabalhado. Dessa forma, percebemos que o ensino, suas técnicas, práticas e métodos, são mutáveis, assim como o professor, responsável pelo processo inicial desse ensino, também é. Tendo isso em mente, levamos em consideração que cada época produz diferentes maneiras de ministrar aula, é estar ciente de que a mutabilidade do processo histórico é uma constante em todos os ramos do saber, e no ensino de História não seria diferente.

### Considerações finais

Ministrar aulas de História foi, durante muito tempo, ter a responsabilidade pela mera transmissão de fatos, características e principais eventos de um determinado período histórico. Entretanto, nas últimas décadas, algumas mudanças começam a se engendrar no seio educacional. O ensino de História passa a levar para as salas de aula não apenas os fatos, prontos e acabados, mas também as ferramentas de pesquisa utilizadas pelo historiador.

Nesse sentido, intencionamos durante o desenvolvimento dessa atividade com a análise de uma música em sala de aula, o enriquecimento do ensino da disciplina de História, assim como aumentar o interesse dos alunos/as pelo saber histórico, por meio de uma fonte mais interativa e diferenciada que permite a eles/as uma participação mais lúdica e uma maior compreensão do conteúdo

trabalhado pelo professor/a.

Portanto, indiscutivelmente, as ações promovidas por meio do PIBID colaboram ativamente com inúmeras transformações dentro do ambiente educacional. Elas contribuem não somente para a formação profissional dos bolsistas ID, mas também para a melhor compreensão de conhecimentos científicos para os estudantes de escolas públicas. Desse modo, é inquestionável a importância do programa no que tange às intervenções praticadas pelos pibidianos na busca de uma educação pública, inovadora e de qualidade.

### Referências

ABUD, Katia Maria. **Registro e Representação do Cotidiano: a música popular na aula de História**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set/dez. 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa – América, 1983.

**Era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/12886/>> Acesso em: 01 de Set de 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica: Disciplina de história**. Paraná, 2008.

PAVIANI, Bruno; FERREIRA, Thaisa Lopes. **A Música e a Ditadura Militar: como trabalhar com letras de música enquanto documento histórico**. Revista: História & Ensino, Londrina, v. 18, p. 111-130, 2012.